

ENCONTROS ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO POR MEIO DE TROCAS DE CARTAS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137encontrosentreuniversedesocioeducacao>



Isabelle Vargas Martins

isabelle.vargas@acad.ufsm.br

Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV).

Júlia Brum Kabbas

juliakabbas@gmail.com

Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV).

Letícia Bueno Pires

leticia.bueno@acad.ufsm.br

Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV).

Renata dos Santos da Costa

renata.costa@acad.ufsm.br

Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante da Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV).

André Oliveira Costa

androlicos@gmail.com

Professor Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Filosofia (PUCRS), Doutor em Educação (UFRGS) e Pós-doutor em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades (USP).

Jana Gonçalves Zappe

jana.zappe@ufsm.br

Professora Adjunta no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre (UFSM) e Doutora em Psicologia (UFRGS).



FOTO : Gerd Altmann

**ENCONTROS ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO POR MEIO DE
TROCAS DE CARTAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

**ENCOUNTERS BETWEEN UNIVERSITY AND SOCIAL EDUCATION IN THE
EXCHANGE OF LETTERS THROUGHOUT THE COVID-19 PANDEMIC**

**ENCUENTROS ENTRE UNIVERSIDAD Y SOCIOEDUCACIÓN MEDIANTE
INTERCAMBIO DE CARTAS DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19**

Este trabalho apresenta um relato da construção de um dispositivo clínico constituído pela troca de cartas entre adolescentes privados de liberdade em uma Unidade de Internação no interior do Rio Grande do Sul e estudantes extensionistas de uma Universidade Pública no contexto da pandemia da Covid-19. Buscamos discutir sobre o que sustentou esse processo como um dispositivo clínico e a importância do desenvolvimento dele no contexto socioeducativo, contribuindo com a execução dessa política pública.

A política socioeducativa tem como propósito promover a responsabilização de adolescentes pela prática de ato infracional, equiparado a crime ou contravenção penal, a partir de ações sociopedagógicas, considerando a condição peculiar de sujeitos em desenvolvimento, bem como garantindo a efetivação dos direitos dos adolescentes, os quais são assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

No entanto, mesmo com o reconhecimento das especificidades do desenvolvimento durante a adolescência e da garantia dos direitos fundamentais infantojuvenis, o exercício da socioeducação mostra-se desafiador e complexo, visto que compreende um paradoxo ao visar a inclusão pela via da exclusão: no mesmo instante em que busca promover a reinserção do adolescente na sociedade, em outra perspectiva que não a da prática do ato infracional, a institucionalização os afasta do convívio social e, muitas vezes, a medida é executada a partir da lógica punitiva e coercitiva.

Nesse sentido, a execução de uma medida socioeducativa de internação poderá encarar esse paradoxo com a oferta de ações que promovam aproximação entre os adolescentes e outras políticas sociais, fortalecendo a cidadania e operando furos na exclusão inerente à privação de liberdade. Acredita-se, assim, que tais ações possam ocorrer com a oferta de espaços de escuta e fala, em que os adolescentes possam refletir sobre suas trajetórias e histórias de vida e se sintam mobilizados a construir novos projetos de vida desvinculados da prática infracional. Desta forma, considera-se importante o reconhecimento da incompletude institucional, a qual já está prevista na legislação vigente, e a demanda de aliança da política socioeducativa com as demais políticas sociais, especialmente no que concerne à universidade pública, através do pilar da extensão universitária, considerando ainda que a educação compreende um dos principais pontos de interseção entre ambas.

Situado nesse ponto de interseção, o projeto de extensão intitulado “Oficinas de Intervenção Psicossocial com Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa” tem se desenvolvido desde o ano de 2018 como ação extensionista da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em uma Unidade de Internação Socioeducativa. De 2018 ao início de 2020, as atividades do projeto eram realizadas nas dependências da escola que funciona junto à Unidade Socioeducativa, com frequência semanal e duração média de duas horas.

O projeto oportuniza a oferta de espaços nos quais extensionistas e adolescentes realizam atividades do interesse dos últimos e que os ajudam a falar e refletir sobre suas histórias de vida e seus projetos para o futuro. Entre as atividades que são realizadas com mais frequência estão as oficinas de tatuagens, nas quais desenhos e frases provisórias marcam a pele dos adolescentes e cria-se um espaço privilegiado para conversar sobre suas escolhas daquele momento e a relação destas com suas vidas fora da instituição. Esse trabalho é realizado tendo como teoria de base a Psicanálise, mais especificamente a proposta winnicottiana de clínica da acontecência e a perspectiva da psicanálise implicada, considerando a dimensão sociopolítica da constituição do sujeito.

Nas oficinas, privilegiam-se os vínculos de amizade entre os que estão compondo o grupo e a liberdade para participar, tendo como limite o respeito aos outros participantes.

Em 2020, teve início a grande crise sanitária em decorrência da pandemia da COVID-19, cujo enfrentamento envolveu a necessidade de distanciamento social, que suspendeu grande parte das atividades sociais presenciais, como as universitárias, que passaram a ocorrer de forma remota. Isso incluiu as atividades do projeto de extensão que, inicialmente, foram suspensas, pois os adolescentes não possuíam acesso a tecnologias que pudessem acolher atividades em um formato remoto.

Contudo, conforme o tempo foi passando, percebeu-se que as medidas de distanciamento social não seriam tão breves como previsto inicialmente, o que suscitou preocupações nos extensionistas com as atividades do projeto, sobretudo no que diz respeito à vinculação com os adolescentes, aspecto de especial atenção uma vez que os vínculos significativos são essenciais para o desenvolvimento das intervenções. Além disso, o grupo de extensionistas formou uma rede de trabalho ao longo dos anos com os profissionais da Unidade Socioeducativa, de forma que os vínculos institucionais também poderiam ser afetados.

Dessa forma, o projeto foi readaptado para as circunstâncias impostas pela pandemia. Inspirando-se na troca de cartas que os adolescentes já realizavam com familiares, amigos e namoradas durante o processo socioeducativo, o grupo de extensionistas construiu e enviou uma primeira carta para todos os adolescentes que se encontravam na Unidade, entre eles alguns que já haviam participado de oficinas presenciais e outros que ainda não tinham tido nenhum contato com o projeto de extensão universitária. Nessa carta, os extensionistas se apresentaram brevemente e contaram sobre o funcionamento do projeto e de algumas oficinas que já haviam realizado, convidando os adolescentes a iniciar uma interação por meio de troca de cartas.

A partir disso, foram recebidas algumas respostas a essa primeira carta, especialmente dos adolescentes que já participavam das atividades do grupo, que endereçaram suas respostas aos extensionistas que conheciam pelas oficinas presenciais, abrindo, dessa forma, um caminho para a correspondência individual. Assim, passaram a ser trocadas cartas individuais entre adolescentes e extensionistas, de forma que, toda vez que um adolescente enviava uma carta, o mesmo extensionista respondia, construindo essa resposta com base no conteúdo da carta do adolescente. No entanto, após cerca de quatro semanas, o número de cartas escritas pelos adolescentes foi se reduzindo, até que cessou. Acredita-se que isso ocorreu devido ao funcionamento institucional, que envolve grande rotatividade dos adolescentes, e assim o processo de troca de cartas foi reconfigurado e deu origem ao formato que é adotado até o presente, com a produção permanente de *Cartas coletivas* e *Cartas individuais*.

As cartas coletivas eram produzidas com frequência semanal, destinadas a todos adolescentes da unidade, com temas variados como notícias sobre a pandemia, perguntas sobre a rotina, letras de música, propostas de histórias, etc. A partir da resposta que o adolescente enviasse a essa primeira carta coletiva, era escrita uma carta individual para continuar a correspondência. Isso poderia abrir espaço para uma troca semanal ou com a frequência que o adolescente desejasse de acordo com a escrita e envio das cartas por eles, que poderiam, não escrever.

As figuras abaixo exemplificam a troca de cartas que ocorreu a partir de 2020 com os adolescentes da Unidade Socioeducativa. A Figura 1 trata-se de uma *Carta Coletiva*, sendo a Figura 2 a resposta de um adolescente a essa carta e a transcrição de sua resposta na Figura 3, visto que, pela escrita a lápis e na fotografia, pode ser difícil de distinguir. Esse adolescente também enviou outra carta (Figura 4), na mesma semana, na qual se apresenta, fala da sua medida socioeducativa, da saudade da "rua" e da família e solicita a letra de uma música. A Figura 5 é a resposta da extensionista a essas duas cartas, na qual envia também a letra da música.

FIGURA 1



Rede de Estudos
sobre Desenvolvimento
na Infância, Adolescência
e Juventude



Oii guris, como estão? Como tem sido a rotina por aí na Unidade? Como vocês estão tendo contato com a família? Assim, como nós, vocês já estão "cheios" dessa pandemia e de todas as consequências que ela trouxe para nossas vidas? Do que vocês estão sentindo mais falta? Por enquanto, o que podemos fazer é conversar sobre como está a situação, e esperar por melhoras. O bom é que pelo menos a vacina está sendo distribuída... Todos esperamos que as coisas melhorem logo, né?! De qualquer forma, tomara que estejam bem, na medida do possível. Vocês têm curtido as músicas que estamos enviando pra vocês? Sempre que quiserem, podem pedir alguma música, ou se quiserem ler um poema; vocês sabem que podem falar do que quiserem, e do que a criatividade de vocês traga, então sempre podem mandar rimas, músicas, poesias, desenhos pra nós também!! É sempre massa ver como vocês são criativos e talentosos! Nessa carta, te fazemos um convite diferente: que tal inventar uma estória completando as linhas abaixo?

Era uma vez _____

que vivia _____

Todos achavam _____

Até que um dia _____

Então _____

E, assim, todos _____

Se tiver a fim, cria uma estória e envia pra gente!!!

Fiquem bem aí, guris!

Abração de todos e todas da REDIJUV –

22/03/2021

FIGURA 2

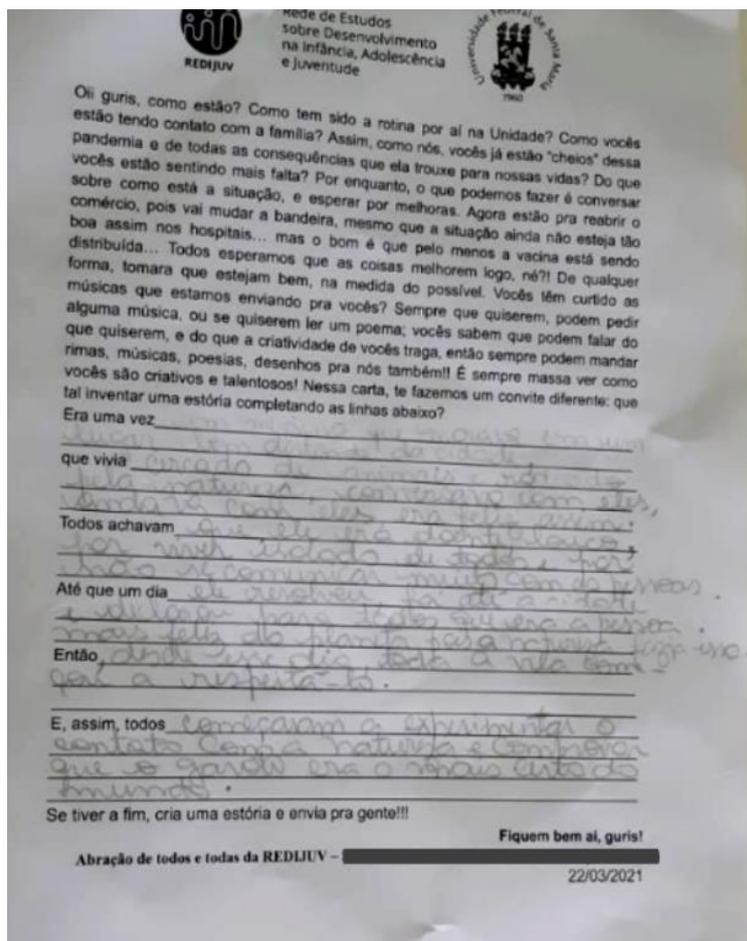


FIGURA 3

Era uma vez um menino que morava em um lugar bem distante da cidade,

que vivia cercado de animais e rodeado pela natureza, conversava com eles, andava com eles, era feliz assim.

Todos achavam que ele era doente, louco, por viver isolado de todos e por não se comunicar muito com as pessoas

Até que um dia ele resolveu, foi até a cidade e declarou para todos que era a pessoa mais feliz do planeta pois a natureza fazia isso.

Então desde esse dia, toda a vila começou a respeitá-lo.

E, assim, todos começaram a experimentar o contato com a natureza e comprovar que o garoto era o mais certo do mundo.

FIGURA 4

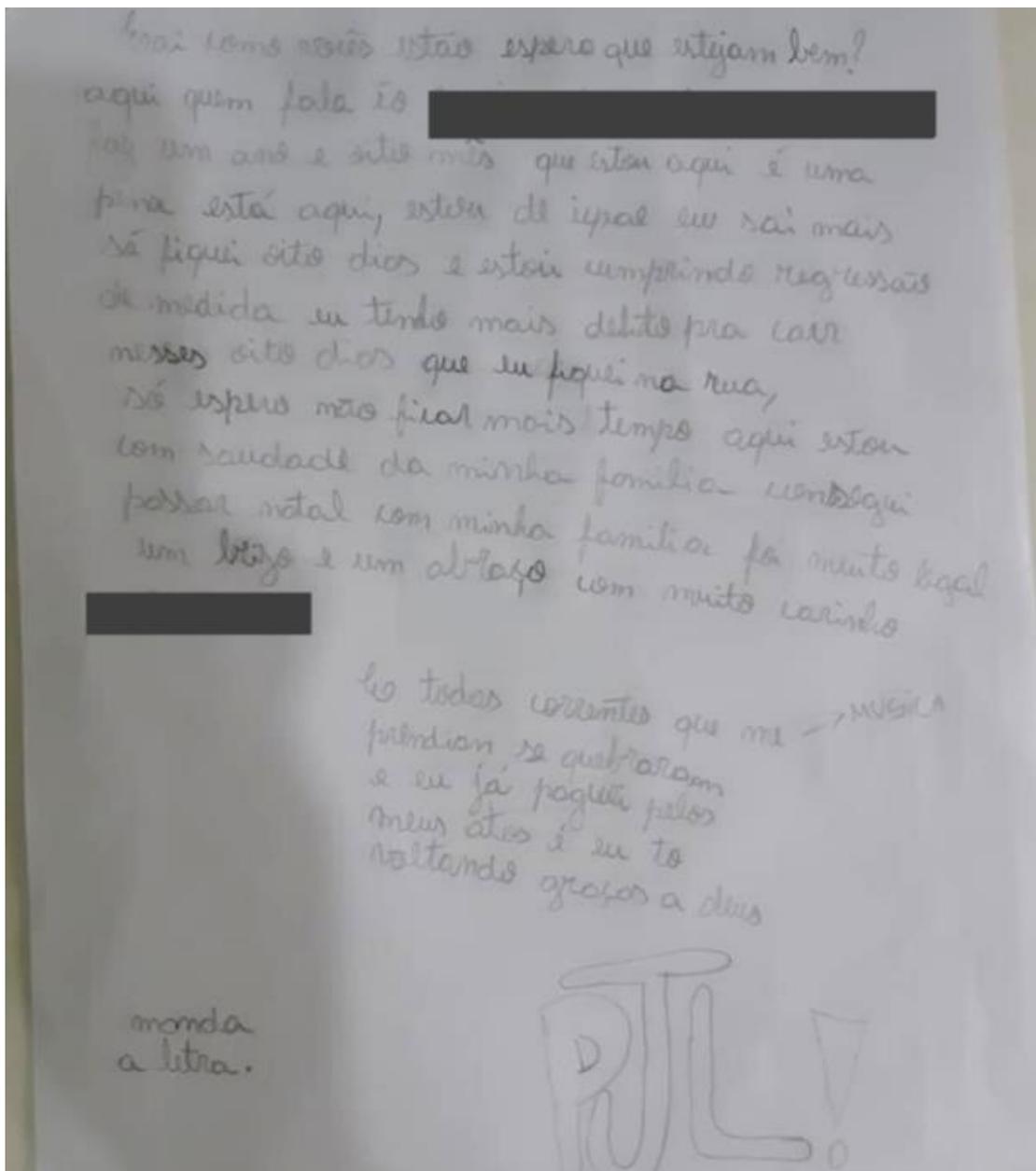


FIGURA 5



Rede de Estudos
sobre Desenvolvimento
na Infância, Adolescência
e Juventude



Para: [REDACTED]

De: [REDACTED]

Oi, Braian, beleza? Como estão as coisas por aí?

Que bom que tu nos respondeu as cartas! Ficamos muito felizes, e vim aqui em nome do grupo te falar que tua história ficou muito legal! Adorei saber que no final o resto do mundo entendeu o menino que vivia perto dos animais e da natureza. Me conta, tu gosta disso também? Eu amo ficar longe da cidade, sinto uma paz enorme escutando o som do vento mexendo as árvores, os pássaros cantando...

Bom, sobre o que tu contou na carta, que bom que tu conseguiu passar o Natal com a família, né? Deve dar uma saudade enorme ter que ficar longe assim por tanto tempo. Tu e tua família são daqui de Santa Maria mesmo? Com quem tu mora? Se quiser contar um pouquinho mais sobre ti, nós adoráramos saber.

Agora vou te mandar a música que tu pediu, se chama Cantou Liberdade:

**"E todas correntes que me prendiam se quebraram
E eu já paguei pelos meus atos
Fé que eu to voltando pra minha coroa eu to de volta
Emocionada, me espera na porta
Mãe, ce me desculpa, toda tristeza e sofrimento
Mas eu vou mudar e agora é tempo
E cade os amigo que ajudaram mandando chumbo
Que é pra eu dar o abraço mais feliz do mundo
Vou buscar minha filha que hoje é dia de festa
A grade se abriu e a hora é essa
Mas antes de tudo é sem caô e sem maldade
Só deixa eu dar meu grito de liberdade
Cantou, cantou liberdade
Acabou maldade
Fé em Deus, voltei comunidade"**

É isso, vamos nos falando!

Abraços [REDACTED] de toda a turma da REDIJUV [REDACTED],

[REDACTED] Até mais!

29/03/2021

É importante sublinhar também que, em determinados casos, as cartas de alguns adolescentes eram construídas a partir de desenhos, imagens e ilustrações, em virtude de estes não serem alfabetizados ou apresentarem algum desconforto ou alguma dificuldade para escrever. Nestes casos, alguns adolescentes solicitavam a ajuda dos profissionais da instituição, daqueles a quem possuíam maior vinculação. Ao receber a carta do adolescente, a profissional da instituição encaminhava imediatamente os arquivos das fotos das cartas para um extensionista do nosso grupo de referência para isso, através do *Whatsapp*, uma plataforma de troca de mensagens. Assim que dispostas ao grupo, as cartas individuais eram encaminhadas aos extensionistas, para que cada um, que se interessasse e tivesse disponibilidade, ficasse atribuído por se corresponder com um dos adolescentes que havia nos respondido. Desta forma, a correspondência ia, aos poucos, se desenhando de forma singular e única, a partir da relação que se tecia entre adolescente e extensionista.

A construção das cartas e organização da logística de envio era realizada por meio de encontros entre extensionistas, realizados virtualmente, pela plataforma *Google Meet*, semanalmente. Nesses encontros, o grupo sistematizava as funções da semana, pensava acerca do tema que seria abordado na carta coletiva, levando em conta também o desejo expresso pelos adolescentes nas cartas anteriores, elencava um dos extensionistas para iniciar a carta coletiva e estipulava-se um prazo para a escrita. Além disso, era pensada a organização das cartas individuais, incumbindo a carta de cada adolescente à um extensionista. Neste espaço, ainda, compartilhava-se ideias, impressões e sentimentos a respeito das vivências e experiências na atividade, assim como, o auxílio na escrita das cartas e compartilhamento de materiais de estudos.

Após três anos de troca de cartas, sustentamos que esse processo se constituiu como um dispositivo clínico na intervenção com os adolescentes que estão em condição de privação de liberdade, pois possibilitaram a atuação na singularidade e no desejo dos sujeitos. A escrita das cartas também possibilitou a construção de um espaço de escuta, além de permitir, em um ambiente de privação de liberdade, o exercício da escrita livre aos adolescentes, contrapondo à lógica de silenciamento e de invisibilização dos sujeitos, muitas vezes reproduzida pela instituição.

Durante a pandemia, o mundo todo estava com medo e também sem compreender ao certo o que estava acontecendo, não se tinha tempo de assimilar tanta informação em um curto período, justamente por ser um momento catastrófico e desconhecido. Nesse sentido, a troca de cartas entre extensionistas e os adolescentes foi fundamental e importante para que os jovens pudessem ter notícias do mundo e contato com pessoas de fora da instituição, o que operou como um buraco na exclusão decorrente da privação de liberdade. Além disso, as cartas oportunizaram que os adolescentes pudessem expressar da forma que lhes fosse confortável o que estavam pensando e/ou sentindo, como também estabelecer laços de afeto e diálogo, para que pudessem passar pela pandemia da forma mais humanizada possível.

Os adolescentes já estavam em situação de isolamento social por conta da privação de liberdade, mas muitas ações dentro da instituição tiveram de ser subtraídas, modificadas ou restritas do cotidiano deles, por exemplo, as atividades de extensão universitária e as visitas dos familiares. Para eles, o contato com o exterior já era escasso e ficou ainda mais na pandemia. Com isso, a interação por meio das cartas possibilitou a construção de narrativas desses jovens, em um contexto institucional e pandêmico, garantindo a continuidade e inclusão de novas práticas para atender ao processo socioeducacional e psicossocial.

Por fim, destaca-se que a palavra escrita foi um elemento criativo na relação universidade-socioeducação. As cartas falavam de sujeitos, de lugares, de espaços, de tempos, de vivências, de dores, de saudades, de arrependimentos, de esperança, de histórias de vida. E, do outro lado, os extensionistas liam e “escutavam” com afeto, sensibilidade e cuidado. A troca de cartas realizada como uma extensão universitária no sistema socioeducativo possibilitou que os adolescentes também fossem vistos e escutados no contexto adverso da pandemia, em que as cartas formaram um dispositivo clínico que viabilizou o não apagamento desses sujeitos, oportunizando aos adolescentes o ecoar de suas existências.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Martins, Isabelle V.; Kabbas, Júlia B.; Pires, Letícia B.; Costa, Renata S.; Costa, André O.; Zappe, Jana G. (2023). Encontros entre Universidade e Socioeducação por meio de trocas de cartas durante a pandemia do COVID-19. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, v. 9, n.1, 200-213.

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137encontrosentreuniversidadesesocioeducacao>

RECEBIDO EM: 28/02/23
APROVADO EM: 19/03/23